

RUA SEM SAIDA

DEAD END STREET

Flávia Péret¹

Resumo

Neste texto, Flávia Perét conta sua vida tecida na lida cotidiana entre desejos, medos, intervenções, memórias e assédios durante os dias 2-13 de outubro de 2022, no intervalo entre o primeiro e o segundo turno das eleições nacionais, apresentando um relato crítico da violência que sofrem as mulheres nos espaços públicos, nos interpelando a pensar um futuro feminista para política e para as cidades.

Palavras-chave: cotidiano, cidade, política, feminismo, violência.

Abstract

In this text, Flávia Perét tells her life woven into everyday life between desires, fears, interventions, memories and harassments during the days 2-13 of October of 2022, on the interval between the first and the second turns of the national elections, presenting to us a critical relact of the violence that women suffer in public spaces, questiong us to think about a feminist future to politics and cities.

Keywords: everyday life, city, politics, feminism, violence.

2 de outubro de 2022

Domingo

Primeiro turno das eleições presidenciais

Algumas amigas acompanharam a apuração do primeiro turno na minha casa. Moro num prédio pequeno e antigo, na região Leste de Belo Horizonte, localizado na Avenida do Contorno. No meu andar, há apenas dois apartamentos, o meu, onde vivo com meu companheiro e nosso filho de oito anos, e outro onde funciona uma microempresa de próteses dentárias. Durante o final de semana, não temos vizinhos. Nos dias úteis, entretanto, convivemos com o entre e sai de funcionários, clientes e motoboys, com o barulho incessante e incômodo das máquinas e com uma atmosfera marcadamente bolsonarista. Os adesivos de *Lula Presidente* que coleí numa das entradas do prédio foram arrancados de forma violenta. Não foram arrancados pelos outros vizinhos porque os conheço. No segundo andar, mora uma amiga argentina, mãe solo, com seu filho de seis anos. No primeiro andar, vivem dois outros amigos. Os moradores mais jovens do prédio, ambos são músicos.

Organizamos o que acreditávamos ser a festa da vitória. Uma amiga selecionou a trilha sonora: Alceu Valença, Cazuza, Simone, Glória Groove. Outras trouxeram os enfeites e adereços. Uma toalha de praia estampada com o rosto do presidente Lula. Uma toalha de mesa estampada com o rosto do presidente Lula. Uma caneca com a foto do presidente Lula. Muitas camisetas com o rosto do presidente Lula. Meu filho colou adesivos de estrelas douradas e corações vermelhos pela casa. Outra amiga trouxe duas garrafas de cachaça da roça. Eufóricos, confiantes, ligeiramente entorpecidos pela cachaça, acompanhamos a apuração das urnas.

O resultado daquele domingo é mais que conhecido: haveria segundo turno. O candidato do PT, que enfeitava com seu rosto sorridente a sala da minha casa, havia ficado em primeiro lugar, porém não com o número necessário de votos para liquidar a disputa no primeiro turno. O resultado da urna assustou a todos porque sinalizava que não apenas o jogo não estava ganho, mas que a distância entre os dois adversários era perigosamente pequena. Naquela noite, eu não dormi.

3 de outubro

segunda-feira

Acordei com ressaca, mas meu mal-estar não tinha sido causado apenas pelas várias doses de cachaça ou pela noite de insônia. Eu não encontrava as palavras para definir aquela sensação assustadora e, principalmente, paralisante. Eu chorava ou evitava chorar. Repetidamente, me lembrava de outubro de 2018. Meu choro na hora do almoço. O gosto da comida queimada na boca. Meu filho, que na época tinha quatro anos, me perguntou: *você não vai parar de chorar nunca mais?* Mas agora era completamente diferente de 2018. Ou não era?

(Nunca entendi porque menosprezamos o choro. O choro é uma reação imediata, espontânea e indomável. É uma manifestação sincera, pouco mediada pela razão. Quando choro em público (o que me esforço para não acontecer), me sinto vulnerável, intensamente exposta, nua. O filósofo francês Georges Didi-Huberman diz que Charles Darwin acreditava que chorar era um ato primitivo manifestado, sobretudo, em animais e humanos selvagens, como as crianças pequenas, os bebês, as mulheres e os velhos) Naquela manhã de segunda-feira, eu sentia que seria incapaz de enfrentar as três intermináveis semanas que separavam nosso presente do porvir. Minha capacidade de enxergar o infraordinário estava anestesiada, ou seja, a capacidade que tenho de me espantar com os acontecimentos, as paisagens e as coisas mais minúsculas da

¹ Escritora, professora e pesquisadora feminista. Interessa-se pelas aproximações entre memória individual e coletiva, escrita e voz, texto e performatividade. É mestre em Teoria da Literatura pela UFMG e Doutora em Educação, também pela UFMG. Produz trabalhos que desdobram a experiência literária em diferentes plataformas, como a rua, o livro objeto e sites de escrita algorítmica. "Instruções para montar mapas, cidades e quebra-cabeças" é seu mais recente livro.

minha existência e do mundo havia desaparecido. Eu não conseguia pensar em outro assunto.

4 de outubro terça-feira

Naqueles dias, li *A pedra da Loucura*, um ensaio literário no qual o escritor chileno Benjamin Labatut articula literatura de terror, pinturas renascentistas e teorias matemáticas para compreender a gênese da revolta popular, ocorrida no Chile, em 2019. Semanas antes da explosão das manifestações e dos atos violentos que paralisaram seu país, o presidente chileno disse, em depoimento à imprensa, que o Chile era um oásis de calmaria. Como explicar tudo o que veio depois?

Assim como aconteceu com o Chile, em 2019, vivenciamos, a partir de outubro de 2018, uma radical mutação da realidade. Nada mais se parecia com o que vivíamos antes, ainda que o Brasil não fosse tampouco um oásis de calmaria. Havíamos sido arremessados numa espécie de vácuo de sentido. Estávamos mergulhados na incompreensão, no atordoamento e na incredulidade. *As bordas da realidade começaram a sangrar*. As ferramentas teóricas e políticas para compreender o país não conseguiam explicar de modo convincente o encadeamento dos fatos. Alguns sabiam que o ovo do fascismo nunca havia deixado de ser chocado em nosso país. Muitas vezes, também me distraí desse perigo. De repente, o Brasil havia se tornado, oficial e institucionalmente, um país onde a maioria da população apoiava um projeto político de extrema-direita? Um governo apoiado por milhões de eleitores entorpecidos por uma avalanche de mentiras deslavadas e engajados com reivindicações como o armamento civil, o retorno da ditadura militar, a negação da ciência. A capacidade e a habilidade da família Bolsonaro e dos seus apoiadores de distorcerem a realidade não era apenas assustadora, era perversa e patrocinada pela elite. Haveria alguma saída?

5 de outubro Quarta-feira

Fui adicionada ao grupo de WhatsApp do Coletivo Alvorada – grupo de esquerda criado em 2016, em Belo Horizonte, contra o golpe parlamentar que derrubou a presidenta Dilma Rousseff. No grupo, foram propostas algumas estratégias de mobilização para o segundo turno: aumentar a produção de material informativo (adesivos, panfletos, bandeiras), descentralizar e multiplicar os postos de distribuição desse material pela cidade e, principalmente, conversar com as pessoas na rua. Eu me sentia completamente incapaz para virar voto. Estava com medo de conversar com desconhecidos, de ser identificada como alguém que vota no PT, de sofrer algum tipo de ataque.

Diariamente, éramos informados de episódios de agressão física e verbal contra eleitores ou militantes do Partido dos Trabalhadores. Numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, o carro de uma deputada do PT foi atacado por um empresário bolsonarista. No interior do Mato Grosso, um apoiador do presidente Lula foi morto a facadas e golpes de machado por um apoiador de Jair Bolsonaro. O episódio mais conhecido foi o assassinato de Mauricio Arruda, em Foz do Iguaçu, militante do PT, morto a tiros quando comemorava seu aniversário de 51 anos. Ele foi morto diante da esposa e dos filhos.

A Anistia Internacional fez um levantamento sobre os casos de violência política ocorridos no Brasil durante os três meses que antecederam a eleição e identificou que, antes do primeiro turno, pelo menos a cada dois dias, houve registro de algum caso

de violência – assassinatos, ameaças contra eleitores, agressões físicas e retaliações. Talvez, em grupo, eu me sentisse um pouco menos amedrontada. Paralelamente, combinei com uma amiga artista plástica de nos encontrarmos para pensar alguma intervenção urbana.

7 de Outubro Sexta-Feira

Passo a tarde na casa dessa amiga produzindo lambe-lambes com a imagem de Bolsonaro e frases: Bolsonaro mente! Bolsonaro é anti-cristão! Bolsonaro é corrupto! Imprimimos algumas cópias. Cada uma colaria o material perto da respectiva casa. Me programo para fazer isso no fim de semana. Não quero ir sozinha.

9 de Outubro Domingo

Domingo de sol. Resolvo sair com meu companheiro e nosso filho para colar o material. Tenho certa experiência em colar lambes e, por isso, me sinto relativamente segura. Quando estamos saindo do prédio, encontramos com nosso vizinho – uma criança de seis anos – que pede para Joaquim brincar com ele. Parece ter sido um sinal, mas, naquele instante, não fui capaz de percebê-lo. Atravessamos o Boulevard Arrudas, uma avenida grande e cinza que encurrala o leito de águas turvas do rio Arrudas. Os carros passam velozmente. Decidimos começar pelos lugares onde o fluxo de pessoas é intenso nos dias de semana: pontos de ônibus, hospitais. O lambe-lambe é colado com grude. Na primeira chuva, ele se dissolverá. Não deixará marcas, nem danificará o patrimônio público. Nunca os colo em residências ou comércios, apenas em prédios e superfícies públicas (latas de lixo, muros). No passado, quando colava lambe-lambe pela cidade, frequentemente era abordada por homens que puxavam assunto. Nunca sofri nenhum tipo de agressão ou assédio, mas me sentia vulnerável ao perambular sozinha, aos domingos de manhã, para colar meus lambes.

Ao escrever a palavra assédio, penso em como ela ainda não consegue nomear as variadas formas de importunação que uma mulher vivencia no espaço público. Uma mulher que tem seu espaço pessoal invadido com perguntas e com olhares está sendo, de algum modo, assediada? Ou o assédio tem a ver apenas com insistência e com violências verbais e físicas? Outras intromissões no espaço íntimo de uma pessoa podem ser consideradas assédio? O fato de uma mulher estar num espaço público faz do seu corpo um lugar público? Um lugar que pode ser invadido por comentários, falas, opiniões, pela curiosidade alheia? Leio em *Cidades feministas: a luta pelo espaço em um mundo desenhado pelos homens*, da pesquisadora canadense Leslie Kern, que *nós mulheres estamos sempre prevendo a próxima abordagem de um estranho e não temos como saber se essa interação será benigna ou ameaçadora*.

Caminhamos até a Avenida Brasil, próximo à Santa Casa. Agora, sim, estamos numa das regiões mais arborizadas da cidade. Estou de costas para a avenida, colando os lambes em um ponto de ônibus quando um carro de luxo, cor prata, estaciona na calçada. Primeiramente, penso que alguém desembarcará. Viro meu corpo e vejo, dentro do veículo, um homem branco, cabelos grisalhos, aparentando ter 65 anos. As janelas estão fechadas e ele me olha fixamente. Ele abre a janela e me interpela. Está nervoso. Grita que estou vandalizando bem público. Meu companheiro está ao meu lado. Há outras pessoas dentro do carro: uma mulher, sentada no banco da frente, e dois adolescentes (uma menina e um menino) sentados no banco de trás. Todos os passageiros estão com a cabeça abaixada, constrangidos. O motorista grita coisas que

não consigo entender direito. Tento explicar que aquilo não é uma ação de vandalismo e que tenho o direito de me manifestar politicamente. O papel se descolará sozinho, com o tempo ou com a chuva. O homem começa a gritar ainda mais. Tudo é muito rápido. Nessa hora, meu companheiro começa a discutir com ele. Ele nos chama de vagabundos. Meu companheiro rebate. O homem grita que chamará a polícia. Meu companheiro responde: pode chamar! Os dois começam a gritar. Olho para dentro do carro, olho para o porta-luvas. De repente, tenho medo de ele estar armado, de que ele saia do carro. Fico apavorada. Peço ao meu companheiro para encerrar a discussão. Ele não me ouve. Então eu berro: para! Ele para. Quero sair dali. Não sei o que fazer. Começo a andar rápido para outra direção. Meu companheiro vem atrás de mim. Tenho medo de estar sendo seguida. Não olho para trás. Continuo andando rapidamente. Todo medo que vinha sentindo nos últimos dias se materializa no rosto e na presença daquele homem de família enfurecido, gritando comigo de dentro do seu carro de luxo. Eu tenho certeza de que dentro daquele porta-luvas tinha um revólver. Meu coração dispara.

Ficamos andando um tempo, sem rumo, até que, aos poucos, começo a me acalmar. Voltamos para casa. Encontramos Joaquim brincando no apartamento do vizinho. Ao perceber que meu filho foi poupado de presenciar aquela cena horrorosa, choro aliviada.

13 de outubro **Quinta-feira**

Decido que não vou mais colar os lambes. Falo sobre o que aconteceu com minha amiga e peço para que ela tome cuidado. Alguns dias depois, entretanto, recebo mensagem de outra amiga falando que conseguiu um novo material e me chamando para acompanhá-la na colagem. Ela explica que o grupo é composto por três pessoas, todas mulheres. Resolvo mais uma vez ir para a rua. Dessa vez, decidimos sair numa quinta-feira à noite, de carro. Fazemos um pequeno roteiro, pelos bairros da Região Leste: Santa Tereza, Santa Efigênia, Paraíso, Sagrada Família. Quando estamos perto da estação do metrô do Horto, mais uma pessoa se junta ao grupo. Com o tempo, vamos ficando mais ágeis, sabemos quanta cola é preciso passar no papel para que ele, de fato, fique grudado na parede. Sabemos quais superfícies são boas de colar e quais não. Antes de ir embora, decidimos colar alguns lambes no bairro Instituto Agrônômico. Eu faço a sugestão porque lá tem um ponto de ônibus que, durante o dia, tem um fluxo intenso de pessoas, em função de estar localizado perto de duas escolas profissionalizantes. Conheço bem a área, durante oito anos trabalhei ali perto. Minha amiga estaciona o carro. Descemos, cada um com seu kit em mãos: papel, spray com cola, rolinho. Vou diretamente para o ponto de ônibus e começo a colagem pelo poste. Percebo que um moço que trabalha numa lanchonete de açaí do outro lado da rua fica curioso com nossa movimentação. Ele é moreno, jovem, deve ter no máximo 30 anos, veste um uniforme com as cores e a logomarca da loja. De início, ele tenta entender o que está acontecendo da porta do estabelecimento e olha na minha direção. De repente, ele atravessa a avenida e caminha até mim. Mais uma vez, sou abordada de forma violenta. Ele fala que não vai deixar que colembos aqueles papéis ali. Começa a gritar aqui não, aqui não. Sem me olhar nos olhos, arranca os lambes que eu já tinha colado, rasga o papel, joga no chão e pisa em cima com violência. Ele repete apenas essa frase: *aqui não, aqui não*. Fico completamente parada, olhando ele rasgar e pisar no nosso material. Minha amiga atravessa a rua e me puxa. Uns adolescentes que estavam no ponto de ônibus, observando a cena, começam a rir. Entramos rapidamente no carro. Ela arranca. Fugimos como se tivéssemos feito algo errado.

Depois desses dois episódios, desisto de ir para a rua. Nas duas ocasiões, fugi. Fugi ou fui expulsa? Diante de situações iminentes de violência, quais eram minhas alternativas? Talvez outra pessoa no meu lugar conseguisse reagir ou enfrentar. Eu não. Novamente, me senti numa rua sem saída. A intimidação e a violência verbal são modos de interdição. Mais uma vez o gênero (masculino) e a hierarquia dos corpos ganham a disputa (será mesmo uma disputa?) de quem está e quem não está autorizado a ocupar o espaço urbano, a interferir nele, a abrir nas suas fissuras algum tipo de conversa. Manifestar-se politicamente é um direito de todas as pessoas, resguardado pela constituição do país. No entanto, alguns sentem-se autorizados, até mesmo incumbidos de vigiar e legislar as ruas, de arrancar, violentamente, do espaço público formas diferentes de pensar. Mesmo após o resultado do segundo turno, sabemos que a espiral de dissonância cognitiva segue operando intensamente. O que esperar do futuro? No livro *Parque das ruínas*, Marília Garcia fala sobre uma comunidade indígena, na Bolívia, na qual a lógica temporal é diferente da nossa. Para os Aymará, o passado está posicionado diante de nós, podemos vê-lo, porque já foi vivido e, logo, é conhecido. O futuro, ainda desconhecido, está atrás. Não conseguimos ver o futuro e isso, no Brasil, continua sendo perturbador.